

ARRANCADA
DO MEU
MUNDO



C. C. Hunter

ARRANCADA DO MEU MUNDO

Tradução
Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *In Another Life*.

Copyright © 2019 C. C. Hunter.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press.

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunter, C. C.

Arrancada do meu mundo / C. C. Hunter; tradução Denise de Carvalho Rocha. – São Paulo: Jangada, 2020.

Título original: *In Another Life*
ISBN 978-85-5539-151-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

20-32665

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Para meu marido, cuja fé em mim é inabalável. Cujos elogios ao meu trabalho são, para mim, uma grande motivação. Que pede comida para viagem para que eu possa trabalhar até tarde e faz café para mim todas as manhãs. Eu amo você, amor. Obrigada por ser meu porto seguro.



Agradecimentos

Tantas pessoas a agradecer... Minhas fãs que serviram de inspiração para o nome do cachorro de Chloe: Heather Renee Contreras, Lori McVicar, Janine Crawford, Melissa Ownsbey e Peyton Lapato. Minha agente, Kim Lionetti, que sempre sabe a coisa certa a dizer. Minha editora, Sara Goodman, que teve ótimas ideias sobre como melhorar este livro. Minha assistente, Kathleen Adey, que me ajuda a fazer tudo. Minha amiga JoAnne Banker, cujo conhecimento sobre adoção me ajudou a iniciar este livro. Obrigada a todos.



1

— **O** que está fazendo? — pergunto quando meu pai entra no estacionamento de uma loja de conveniência, a pouco mais de um quilômetro de onde minha mãe e eu estamos morando agora. Minha voz soa meio desafinada depois de passar cinco horas de viagem sem falar. Eu estava com medo de que, se dissesse alguma coisa, tudo dentro de mim transbordaria. Minha raiva. Minha mágoa. Minha decepção com o homem que costumava ser meu super-herói.

— Preciso abastecer o carro e ir ao banheiro — diz ele.

— Ir ao banheiro? Quer dizer que você não pode nem entrar para ver minha mãe quando me deixar em casa? — Sinto o coração apertado como se uma mão gigante o esmagasse.

Ele me olha nos olhos, ignora minhas perguntas e diz apenas:

— Você quer alguma coisa?

— Sim, minha vida de volta! — Saio do carro e bato a porta com tanta força que o barulho de metal contra metal reverbera no ar abafado do Texas. Arrasto os pés pelo estacionamento, enquanto fito minhas sandálias brancas devorando a calçada e tento esconder o brilho das lágrimas nos meus olhos.

— Chloe! — meu pai me chama. Eu ando mais rápido.

Com os olhos ainda colados no chão, abro a porta, entro com tudo dentro da loja e dou um encontrão em alguém, esmagando meus peitos contra o peito da pessoa.

— Merda! — rosna uma voz grave.

Um copo de isopor bate no chão e uma bebida vermelho-sangue explode nas minhas sandálias brancas. O copo vira, provocando uma hemorragia no piso de ladrilhos brancos.

Engulo o nó na garganta e dou um passo para trás, afastando meu sutiã tamanho P do tórax de um sujeito.

— Desculpe — ele murmura, embora a culpa seja minha.

Eu me forço a olhar para ele e vejo primeiro o peito largo, depois os olhos verdes e em seguida o cabelo preto-azeviche caído na testa. *Ah, droga! Eu não podia ter trombado com algum velhinho de bengala?*

Volto a fitar os olhos brilhantes do desconhecido e vejo uma mudança neles. Não estão mais com uma expressão de quem se desculpa. Agora parecem chocados e então... zangados.

Eu deveria dizer algo do tipo, *Eu é que tenho que me desculpar*, mas o nó na minha garganta volta com força total.

— Merda. — A palavra volta a escapar, agora com uma cara feia.

Concordo, tudo isso é uma merda!

Ouçoo meu pai chamar meu nome novamente, do lado de fora da loja.

Minha garganta fica mais apertada e as lágrimas ardem nos meus olhos. Com vergonha de chorar na frente de um estranho, arranco minhas sandálias e disparo na direção de uma geladeira cheia de refrigerantes.

Abro a porta de vidro e estico o pescoço para sentir o ar frio, precisando muito esfriar a cabeça. Enxugo algumas lágrimas rebeldes nas bochechas, depois sinto alguém ao meu lado. Meu pai não vai deixar isso passar em branco.

— Apenas admita que você estragou tudo! — eu digo, depois olho para o lado e sou engolida por aqueles mesmos olhos verde-claros zangados de um minuto atrás. — Pensei que você fosse... Foi mal... — balbucio, sabendo que é tarde para um pedido de desculpas. O olhar dele é inquietante.

O garoto continua a me encarar. Um olhar que não faz a mínima questão de esconder a antipatia. Como se a irritação dele não fosse apenas pela raspadinha derramada.

— Eu pago a sua bebida. — Ele nem pisca, então acrescento: — Me desculpe.

— O que você está fazendo aqui? — A pergunta fica sem resposta.

— O quê? Eu *conheço* você? — Sei que fui rude, mas, gato ou não, o cara está me deixando assustada.

Os olhos dele brilham de raiva.

— O que você quer? — Não entendo por que há um tom de acusação na voz dele.

— Como assim?

— Seja lá o que está tentando fazer, não faça.

Ele ainda está me encarando. Percebo que estou me sentindo intimidada com aquele olhar.

— Eu não sou... Você deve estar me confundindo com outra pessoa. — Balanço a cabeça, sem saber se o cara é tão louco quanto sexy. — Não sei do que você está falando. Mas já me desculpei. — Pego uma lata de bebida e, descalça, com as sandálias gosmentas na mão, ando rápido para a entrada da loja.

Meu pai entra, carrancudo.

— Cuidado! — diz a moça do caixa ao meu pai, enquanto limpa o chão sujo de raspadinha em frente à porta.

— Desculpe — murmuro para a moça e aponto para o meu pai. — Ele vai pagar meu refrigerante! E essa raspadinha aí no chão.

Disparo até o carro, entro e seguro a lata fria de refrigerante contra a testa. Os fios de cabelo na minha nuca começam a ficar arrepiados. Olho em volta e o gato esquisitão está do lado de fora da loja, me encarando novamente.

Seja lá o que está tentando fazer, não faça.

É isso aí, o cara não bate bem. Desvio o olhar para fugir da vigilância dele. Meu pai volta para o carro. Ele não dá partida, fica ali parado, só me olhando.

— Você sabe que isso não é fácil para mim também.

— Ok. — *Então, por que você saiu de casa?*

Ele liga o carro, mas, antes de partirmos, olho em volta novamente e vejo o garoto de cabelos pretos parado no estacionamento, escrevendo algo na palma da mão.

Engano meu ou ele está anotando o número da placa do meu pai? Esse cara é muito doido! Eu quase digo algo para o meu pai, mas me lembro de que estou chateada com ele.

Meu pai acelera. Fico atenta ao espelho retrovisor. O cara gostoso fica ali, com os olhos colados no carro do meu pai, e eu também não tiro os olhos dele até que não passe de um pontinho preto no retrovisor.

— Sei que é difícil — diz meu pai. — Penso em você todo dia.

Eu balanço a cabeça, como se entendesse, mas não falo nada.

Minutos depois, meu pai encosta o carro na frente da nossa casa. Ou melhor, da casa onde moramos minha mãe e eu. Meu pai não mora mais conosco.

— Eu te ligo amanhã para ver como foi o seu primeiro dia de aula.

Meu estômago se contrai como um tatu-bola com o lembrete de que vou começar meu último ano do ensino médio numa escola nova. Olho para a casa velha no bairro antigo. A casa que um dia pertenceu à minha avó materna e que minha mãe alugou para um casal de idosos nos últimos anos. Agora moramos nela. Uma casa que cheira a gente velha... e a tristeza.

— Ela está em casa? — pergunta meu pai.

À luz do entardecer, nossa casa está às escuras. Uma luz dourada se infiltra por debaixo da porta da casa ao lado, onde mora Lindsey; ela foi a primeira pessoa da minha idade que conheci na cidade.

— Mamãe provavelmente está descansando — respondo.

Ficamos calados por um momento.

— Como ela está?

Achei que não ia perguntar... Olho para eu pai, enquanto ele segura o volante com força e analisa a casa.

— Bem. — Abro a porta do carro, sem querer me despedir. Dói demais.

— Ei! — ele sorri. — Pode me dar pelo menos um abraço?

Eu não quero dar, mas por algum motivo (porque sob toda aquela raiva, eu ainda o amo) eu me inclino sobre o console entre os bancos e o abraço. Ele não tem mais nem o cheiro do meu pai. Está usando uma colônia que Darlene provavelmente comprou para ele. Lágrimas ardem nos meus olhos.

— Tchau. — Tiro do carro um pé melado de raspadinha.

Antes de eu levantar o traseiro do banco, ele diz:

— Ela vai voltar logo a trabalhar?

Eu me viro para ele.

— Foi por isso que você perguntou como ela está? Por causa do dinheiro?

— Não. — Mas a mentira é tão clara na voz dele que fica pairando no ar.

Quem é esse homem? Ele tinge os fios grisalhos nas têmporas. Agora usa o cabelo espetado e está vestindo uma camiseta com o nome de uma banda que ele nem sabia que existia até Darlene aparecer na vida dele.

Antes que eu possa me conter, as palavras se derramam da minha boca:

— Por quê? Sua namorada está precisando de mais um par de sapatos de grife?

— Não, Chloe — ele diz num tom severo. — Você está falando como a sua mãe.

A mágoa agora aperta a minha garganta.

— Ah, pelo amor de Deus... Se eu falasse como a minha mãe, diria: “A putinha está precisando de mais um par de sapatos de grife?”. — Eu me viro outra vez para a porta do carro.

Ele pega meu braço.

— Olhe aqui, mocinha, não posso esperar que você goste dela assim como eu, mas gostaria que pelo menos a tratasse com respeito.

— Respeito? A pessoa precisa merecer respeito, pai! Se eu usasse as roupas que ela veste, você me mataria. Na verdade, nem você eu respeito mais! Você arruinou a minha vida. Você ferrou a vida da mamãe. E agora está transando com alguém dezoito anos mais jovem que você. — Saio do

carro e, a meio caminho da soleira de casa, ouço a porta do carro se abrir e bater.

— Chloe. Suas coisas. — Ele parece zangado, mas não mais do que eu, porque, além de raiva, sinto mágoa.

Se eu não estivesse com receio de que ele me seguisse até em casa, todo ofendido, e começasse uma discussão com a minha mãe, eu não voltaria para pegar nada. Mas não quero mais ouvi-los discutindo. E não sei se minha mãe também iria aguentar. Não tenho opção a não ser fazer a coisa certa. É péssimo quando você é a única pessoa na família que se comporta como um adulto.

Eu me viro, seco as lágrimas bruscamente e me volto para o meio-fio.

Meu pai está de pé ao lado do carro, com uma mão segura a minha mochila e, com a outra, uma enorme sacola com as roupas novas que comprou para eu usar na escola. Ótimo. Agora me sinto a filha desalmada e ingrata.

Quando me aproximo, murmuro:

— Obrigada pelas roupas.

— Por que está tão brava comigo? — ele pergunta.

Tantas razões... Qual delas eu escolho?

— Você deixou Darlene transformar meu quarto numa academia de ginástica.

Ele balança a cabeça.

— Nós tiramos suas coisas e colocamos no outro quarto.

— Mas aquele quarto era meu, pai.

— É por isso que você está tão brava ou será porque...? — Ele faz uma pausa. — Não é culpa minha que sua mãe tenha ficado...

— Continue pensando assim — eu digo. — Um dia desses, você pode até começar a acreditar!

Com as mãos ocupadas e o peito pesado, deixo meu super-herói e meu coração partido abandonados na calçada. Minhas lágrimas estão caindo rápidas e quentes quando fecho a porta da frente atrás de mim.

Docinho, um vira-lata amarelo de porte médio, me cumprimenta com um ganido e o rabo abanando. Eu o ignoro. Largo a mochila, a sacola de

compras e vou para o banheiro. Félix, meu gato amarelo tigrado, vem correndo e entra comigo.

Tento fechar a porta de um jeito normal, em vez de batê-la com raiva. Se minha mãe me vir assim, vai ficar chateada. Pior ainda, isso alimentará sua raiva.

— Chloe? — minha mãe chama. — É você?

— Sim. Estou no banheiro. — Espero que minha voz não revele quanto me sinto arrasada.

Eu me sento no vaso sanitário, pressiono as costas das mãos contra a testa e tento respirar.

Os passos da minha mãe fazem o velho assoalho de madeira ranger. A voz dela soa atrás da porta.

— Está tudo bem, querida?

Félix está ronronando e se esfregando na minha perna.

— Sim. Mas meu estômago nem tanto... Acho que o bolo de carne que comi na casa do papai não caiu bem.

— Darlene é quem estava cozinhando? — O tom de voz dela denuncia o ódio reprimido.

Eu cerro os dentes.

— Sim.

— Por favor, diga que seu pai repetiu o prato.

Fecho os olhos, quando o que realmente quero fazer é gritar: *Pare com isso!* Eu entendo por que minha mãe está tão furiosa. Entendo que meu pai é um filho da mãe. Entendo que ele se recusa a assumir a culpa e que isso só piora as coisas. Entendo o que ela passou. Entendo tudo isso. Mas ela tem ideia do quanto me dói ouvi-la falar tão mal de alguém que eu ainda amo?

— Vou me sentar um pouco lá fora, no quintal — diz ela. — Quando sair daí, vá se sentar lá comigo.

— Ok — respondo.

Os passos da minha mãe se afastam.

Fico sentada no vaso e tento não pensar em tudo que me magoa. Em vez disso, faço carinho em Félix. Seus olhos, tão verdes, me levam de volta ao garoto da loja. *Seja lá o que está tentando fazer, não faça.*

Que diabos ele quis dizer com isso?

Saio do banheiro, mas, antes de abrir a porta dos fundos, olho pela janela e vejo minha mãe no gramado, reclinada numa cadeira de armar. O sol está se pondo e ela está banhada numa luz dourada. Os olhos estão fechados e o peito se move para cima e para baixo, respirando lentamente. Está tão magra... magra demais.

O lenço azul desbotado escorregou da cabeça dela. Tudo que eu vejo é sua cabeça sem cabelos. E — pronto! Estou com raiva do meu pai outra vez.

Talvez ele esteja certo. Talvez eu o culpe pelo câncer da minha mãe.

Não adianta nem eu me lembrar de que, três semanas atrás, o médico a considerou curada. De fato, o câncer de mama foi detectado tão cedo que os médicos insistiram em dizer que deveríamos considerá-lo só um pequeno obstáculo no caminho.

Mas eu odeio os solavancos que os obstáculos podem provocar...

Meu olhar é atraído para a cabeça dela novamente. O médico afirmou que as breves sessões de quimioterapia eram só para ter certeza de que não restaria nenhuma célula cancerígena. Mas até eu ver o cabelo da minha mãe voltando a crescer e as costelas protuberantes sumindo, não vou parar de ter medo de perdê-la.

Quando ela foi diagnosticada, pensei que meu pai voltaria, que ele perceberia que ainda a amava. O mais triste é que acho que minha mãe pensou o mesmo. Mas isso não aconteceu.

Minha mãe abre os olhos, ajusta o lenço na cabeça e fica de pé com os braços abertos.

— Venha cá. Senti sua falta.

— Só fiquei três dias fora — digo. Mas é a primeira vez que durmo fora de casa desde que minha mãe adoeceu. E senti falta dela também.